

A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II¹

BRAZILIAN LANGUAGE DIVERSITY AND PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING

Adriana de Almeida Etiene da Silva e Rosangela Augusta Bezerra de Paula²

Simone OliveiraThompson de Vasconcelos³

RESUMO:

O tema escolhido para esse trabalho é a diversidade linguística brasileira e o ensino da língua portuguesa, pois entende-se que conhecer as analogias da língua é importante na concepção da sociedade. Dessa forma, o objetivo geral é analisar práticas pedagógicas no estudo das variações linguísticas no ensino fundamental II, para tanto, pautou-se na metodologia de cunho qualitativo, seriando seis autores pesquisados no *Google Acadêmico*, através dos descritores variação linguística e prática educacional escolhidos entre os anos de 2017 a 2020, para fundamentar os apontamentos defendidos na evolução desse estudo, como Azevedo e Damasceno (2017), Silveira (2018); Melero (2019); Santos e De Melo (2010); Menezes (2020); Ugalde e Roweder (2020), que em seus artigos defendem a propositura da linguística na sala de aula, principalmente no ensino da língua portuguesa para a evolução da aprendizagem. Assim, foi sendo separados os autores que defendem a temática, realizado a leitura e construção de resumos para edificar a construção da escrita desse trabalho. Contudo, conclui-se que a leitura funciona, enquanto realizada com compreensão, ou seja, como aquela em que o leitor procura construir um sentido para o texto. Entretanto, essa compreensão aparece como um processo complexo, no qual devem interagir diversos fatores como conhecimentos linguísticos, conhecimento prévio relativo ao assunto do texto, conhecimento geral a respeito do mundo, motivação e interesse pela leitura, entre outros. Conhecer como atua cada um desses fatores é indispensável para as práticas do ensino da leitura e escrita.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Variações linguísticas; Ensino Fundamental II.

ABSTRACT:

The theme chosen for the promotion of this work is “Brazilian linguistic diversity and the teaching of the Portuguese language”, as it is understood that motivating language analogies in the conception of society becomes a significant resource in the building of readers and writers. . Thus, the general objective is to analyze pedagogical practices in the study of linguistic variations in elementary school II, for this, it was scored on the qualitative methodology, with six authors searched on Google Scholar chosen between the years 2017 to 2020, to support the notes defended in the evolution of this study, such as Azevedo and Damasceno (2017), Silveira (2018); Melero (2019); Santos and De Melo (2010); Menezes (2020); Ugalde and Roweder (2020), who in their articles defend the proposition of linguistics

¹ Trabalho Final de Curso da Licenciatura em Letras/EAD em do Ifes Campus Vitória/ES.

² Graduandas em letras, pelo IFES, adrianaetienebji@hotmail.com/edineipaula@hotmail.com

³ Professor/a orientador/a; informar titulação, dados de filiação (instituição de origem) e simonetvasconcelos@gmail.com.

in the classroom, mainly in Portuguese language teaching for the evolution of learning. Thus, the authors who defend the theme were separated, reading and building summaries to build the construction of the writing of this work. However, it is concluded that reading works, as long as it is carried out with comprehension, that is, as one in which the reader seeks to build a meaning for the text. However, this understanding appears as a complex process, in which several factors such as linguistic knowledge, prior knowledge regarding the subject of the text, general knowledge about the world, motivation and interest in reading, among others, must interact. Knowing how each of these factors works is essential for teaching reading and writing practices.

Keywords: Linguistics; Portuguese language; Student; Reader; Writing.

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para a produção deste artigo versa sobre a diversidade linguística brasileira e o ensino de Língua Portuguesa, pois temos um país dividido em regiões, com culturas diversas, em que nomeamos coisas e objetos de maneira distinta a depender da região onde esse objeto se encontra. Por exemplo: A mandioca (Região Sul e Sudeste) pode receber também o nome de aipim (Rio de Janeiro) ou macaxeira (Região Norte e Nordeste). Além disso, os indivíduos podem comunicar-se de maneiras diversas trocando palavras como “você” por “ocê”. Tais formas de falar, em muitos casos, culminam na ortografia truncada e desafiadora para o professor trabalhar em sala de aula. Daí a importância de práticas pedagógicas inclusivas e que trabalhem as variações linguísticas na Língua Portuguesa.

Geraldi (2011), nos diz que o ensino da diversidade da língua aparece como uma das revelações da linguagem, além de significar o uso, e se mostrar como um ato de construção de sentidos, sendo também domínio do homem pelo homem, a forma como ele se comunica e transfere seus entendimentos sobre determinado acontecimento ou objeto.

A variação linguística é a forma como a sociedade apresenta sua maneira de falar, de acordo com o momento, localidade, uso no cotidiano, com suas singularidades e expressividades. A variação linguística segundo Bagno (2013) tem características heterogêneas, ou seja, são diferenciadas por cada camada da população, que demonstra em sua linguagem a compreensão da língua materna. Desse modo, a

língua componente da cultura, que também tem destaque do todo e com ele coloca em ação fundamentalmente o intercâmbio cultural na sociedade e, dessa forma, se torna o acompanhamento de cada evento cultural de dois modos: como efeito da cultura e o meio para que tal cultura atue, sendo essa a condição de sua existência.

Assim, quando se fala em diversidade linguística, tem que se entender que sua estrutura se apresenta no cenário da sociedade, em suas caracterizações das falas, através da sua linguagem não formal.

Mediante a temática supracitada pode-se estabelecer questões problemas que correlacionam o desenvolvimento desse projeto da seguinte maneira: Quais as contribuições do estudo sobre variações linguísticas a partir de práticas pedagógicas para o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental II?

Desse modo, as relações entre o domínio da variante culta da língua materna e o poder que se é conquistado através desse atributo, destaca-se, a importância de se instrumentalizar o alunado também, em relação à norma padrão, para que esse não seja objeto de manipulação pela classe dominante e possa através da sua interpretação e compreensão de saberes se aprimorem e consolidem um empoderamento social.

Conforme a Base nacional Comum Curricular, BNCC, (2018), trabalhar as relações da língua na formação da sociedade, torna-se um recurso expressivo na constituição dos alunos. E para tanto, o trabalho deve ser pontuado em diversos textos semióticos, como histórias em quadrinhos, charges e anúncio publicitário, e dialogando com o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no espaço escolar, conduzindo-os de formas significativas, com alusões ao desenvolvimento do aluno integralmente.

Para a fundamentação dessa temática, pontua-se o objetivo geral de analisar práticas pedagógicas no estudo das variações linguísticas no ensino fundamental II, como ainda, apresentam-se os objetivos específicos a fim de distinguir que há na língua diferentes formas de uso, as quais, são comuns na comunicação entre os

educandos e ressaltar sobre a adequação da linguagem em contextos específicos, na promoção da produção textual ou na oralidade.

Logo a justificativa para esse trabalho é refletir sobre a importância de conhecer as variações linguísticas a fim de que os educandos ao terem contato com textos, palavras ou expressões, que vão além da sua estruturação linguística, sintam-se à vontade para interpretá-los, sem dificuldade. Observa-se, que o modo de falar das pessoas no cotidiano, são distintos, ou seja, deixa-se a linguagem formal, para se estabelecer a não formal, colocando a fala, no que se concerne os chamados socioletos.

Dessa forma, a contribuição do trabalho vai de encontro com a necessidade de estabelecer intercâmbios de ideias, para aprimoramento do ensino da Língua Portuguesa, pois a análise linguística praticada em sala de aula, não pode ser simples correção gramatical, em face de um modelo de variedade e de suas convenções. Tal exame, deve permitir aos sujeitos conhecerem variações linguísticas e principalmente, a construírem textos com linguagens adequadas aos leitores de suas produções.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Variação Linguística ou Sociolinguística

De acordo com Azevedo e Damasceno (2017), a estruturação do ensino da Língua Portuguesa no contexto escolar torna-se um desafio para os professores e uma difusa compreensão para os estudantes, pois através de um processo no qual, os textos não são articulados com as vivências e entendimentos de mundo dos educandos, torna-se maçante e até impossível esse trabalho na escola. Também há a necessidade de promover o ensinamento das variadas falas encontradas pelo país, como o jeito de falar dos nordestinos, dos sulistas e etc.

Desse modo, a linguagem não é usada apenas para conduzir informações defende Silveira (2018). Ela também demonstra a identidade cultural de uma determinada

população, pois através dela, são expressos os sentimentos que formam o ser humano demonstram-se empatias e até mesmo, repulsas que são demonstrações de como o indivíduo sentem-se em torno de determinada situação e ou pessoa. Ressalta ainda descrevendo que:

Esta postura frente a variedade dialetal dos sujeitos sociais serve como forma de superar o preconceito linguístico existente quanto ao uso da norma padrão da língua, nas multirelações e nos múltiplos contextos sociais, permitindo que o educador e o educando transitem entre as formas possíveis de expressão, no sentido de que reconheçam as tendências de variação da língua, em sua riqueza cultural, que é a variedade dialetal do português brasileiro presente nas suas diferentes regiões do país. (SILVEIRA, 2018, p. 03)

Segundo Martinet (2014), a história de vida de cada indivíduo se mistura com a formação linguística do mesmo, pois foi se formulando, a partir do momento que as civilizações foram sendo fundamentadas no planeta Terra a partir do momento que os seres humanos iniciaram uma jornada rumo a civilização. Enaltece descrevendo que:

A linguagem é um exercício social, é uma parte indispensável da vida em comunidade. É por isso, que as mudanças de linguagem são o resultado de ações coletivas dos falantes. Essas ações são feitas por esses falantes que se sentem melhor para se comunicar, dão-lhes mais precisão ou expressividade no que querem dizer e atendem às suas próprias necessidades. (MARTINET, 2014, p. 49)

De acordo com Gnerre (2009), a língua aparece como uma das revelações da linguagem, além de significar o uso para comunicação e se mostrar como um ato de construção de sentidos, também é um domínio do homem pelo homem, ou seja, a vida do ser humano foi se construindo conforme a sua linguagem, seja oral, falada ou figurativa, por imagens.

Esse modo de comunicar-se iniciou-se com a vida do ser humano, pois desde as pinturas rupestres há diálogo e maneira de passar o conhecimento adquirido. Esclarece ainda que:

A língua pode ser considerada como uma das formas de linguagem, caracterizando-se como verbal. A definição de língua sofre variações, pois se encontra em campos teóricos específicos, ou seja, aparece trabalhada em uma perspectiva técnica. Como consequência, tanto a Linguística quanto a Filologia e a Teoria da Literatura conseguem visualizá-la através de suas próprias perspectivas. (GNERRE, 2009, p. 71)

Na teoria da literatura a língua pode ser trabalhada com textos diversos, com autores que fazem o uso de variadas formas de linguagem. Trabalhar a linguística na sala de aula é um momento de ação e reflexão para o professor, pois dependendo da sua metodologia os alunos são motivados a dialogarem sobre a leitura e chegarem a reflexão sobre o texto lido formando conexões e produzindo conhecimento.

A reflexão acerca da natureza sócio histórica da língua afirma Bagno (2013) torna-se indispensável, principalmente quando se pretende que o aluno adquira as habilidades essenciais à compreensão textual e também à conquista de sua autoria.

Parte daí a possibilidade de formar um leitor-escritor competente, coerente e consciente de seus objetivos, do seu mundo e de alcançar a produção textual completa. Para ele:

Um enunciado [...] designa-se por signo linguístico. Qualquer signo linguístico comporta um significado, que constitui seu sentido e valor [...] e um significante, graças ao qual se manifesta o signo [...]. Uma língua é um instrumento de comunicação sendo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fônica, [...] de número fixo em cada língua e cuja natureza e relações mútuas também diferem de língua para língua. (BAGNO, 2013, p. 68)

Conforme Bakhtin (2007), como alguns fatores compõem a tão ampla e diversificada língua, passa a se considerar os de maior importância quanto à aquisição das habilidades do leitor e de escritor o poder da língua, as relações entre língua com identidade cultural e cidadania, noções básicas de erro, a gramática e também desvio da língua padrão. Corroborar:

Como a separação da linguagem e da fala, separam-se a sociedade e os indivíduos ao mesmo tempo. Portanto, a linguagem não é função do locutor: é produto do registro passivo dos indivíduos, nunca pressupõe premeditação [...] Pelo contrário, as palavras são atos pessoais de vontade e sabedoria. Embora a linguagem seja heterogênea, ela constitui um sistema de símbolos, no qual existe essencialmente apenas uma combinação de sensação e imagens auditivas. (BAKHTIN, 2007, p. 79)

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, BNCC (2018), a Língua Portuguesa, na concepção de língua/linguagem se estruturam de forma polissêmica e multicultural, pois abrange suas peculiaridades e diversidades linguísticas. Apropriando-se de variadas espécies de gêneros textuais para aproximar os alunos

do processo de leitura e escrita, com a intencionalidade de formar e defender uma postura de autonomia na formação dos sujeitos.

Torna-se necessário conforme GERALDI (2011), fazer com que esse processo de adequação da língua às situações discursivas, fique bem claro para os alunos, apresentando-lhes, assim, mais um desafio, que o docente deve aceitar em sua prática, ou seja, apresentar um leque de possibilidades para uma completa produção textual e oralidade, a fim de não descaracterizar o uso do currículo de Língua Portuguesa como forma somente de leitura e interpretação de textos sem ajustamentos com conceitos dialógicos de mundo e construção de saberes.

2.2 Legislações educacionais ou Sociolinguística na BNCC

Segundo a BNCC:

Se uma face do aprendizado da Língua Portuguesa decorre da efetiva atuação do estudante em práticas de linguagem que envolvem a leitura/escuta e a produção de textos orais, escritos e multissemióticos, situadas em campos de atuação específicos, a outra face provém da reflexão/análise sobre/da própria experiência de realização dessas práticas. Temos aí, portanto, o eixo da análise linguística/semiótica, que envolve o conhecimento sobre a língua, sobre a norma-padrão e sobre as outras semioses, que se desenvolve transversalmente aos dois eixos – leitura/escuta e produção oral, escrita e multissemiótica – e que envolve análise textual, gramatical, lexical, fonológica e das materialidades das outras semioses. Ação social significa desenvolver nos estudantes uma postura autônoma e investigativa, em que sejam capazes de refletir e desenvolver pensamento crítico. (BRASIL, 2018, p. 82)

Assim, descreve GERALDI (2011), quando os estudantes são estimulados por diversos gêneros textuais, sejam escritos e ou em formatos digitais, ou até mesmo textos imagéticos, os sentidos construídos por cada indivíduo atrelam-se a uma concepção de saberes, desenvolvendo sua criticidade e orientação para futuras pontuações acerca das vivências tanto em sala de aula, como no cotidiano. Afirma ainda:

Na medida em que a escola concebe o ensino da língua como simples sistema de normas, conjunto de regras gramaticais, visando a produção correta do enunciado comunicativo culto, lança mão de uma concepção de linguagem como máscara do pensamento que é preciso moldar, domar para, policiando-a, dominá-la, fugindo ao risco permanente de subversão criativa, ao risco do predicar como ato de invenção e liberdade. Por isso, na escola, os alunos não escrevem livremente, fazem redações, segundo determinados moldes; por isso não leem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras e buscam fixar a sua riqueza numa mensagem definida. (GERALDI, 2011, p. 22)

Para Azevedo e Damasceno (2017), na construção do ensino da Língua Portuguesa, há um entrelaçamento nos componentes curriculares em forma de eixo temático, no qual, estabelecem-se a oralidade, fala/escrita, leitura, análise linguística/semiótica e Educação Literária.

Na promoção da oralidade é o momento da fala e escuta dos alunos, que se remetem aos educadores para fundamentar seus entendimentos sobre o texto estruturado na sala de aula, como sujeito discursivo.

Dessa forma, para consolidar situações que envolvam a estrutura do processo de leitura e escrita, o educador deve pontuar gêneros diversificados para a construção dos conhecimentos dos alunos, com o intuito de formar cidadãos reflexivos e críticos na fruição de produção textual e entrelaçamento de saberes. Segundo as autoras:

Um trabalho assim delineado talvez pudesse dar a garantia do direito de experimentar, criar, fruir e usufruir da vivência de diferentes manifestações artísticas, literárias e corporais, como expressões da diversidade linguística e cultural, pois estaria vinculado a um trabalho reflexivo e colaborativo. Entendemos, então, que o alargamento das perspectivas é não apenas desejável, mas uma condição para a efetivação dos objetivos expressos na BNCC mediante a língua portuguesa e o ensino da leitura e escrita. (AZEVEDO; DAMASCENO, 2017, p. 87)

Esse diálogo entre professor e aluno, esclarece Antunes (2010) é importante, para todos participarem da construção de conhecimentos. No que se entende do eixo temático fala/escrita fundamentam-se no ensino da língua materna, na qual, professor se compromete com uma educação para a emancipação, visualizará seu cotidiano a partir de uma relação dialógica com a língua, tendo a compreensão dos signos construída na interação verbal. Nesta perspectiva de ensino, a troca discursiva é contínua entre o educador e a sua classe, principalmente no espaço da sala de aula. Propõe ainda que:

Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. A seleção de habilidades propostos no ensino da língua portuguesa, estão relacionadas com aqueles conhecimentos fundamentais para que os estudantes possam apropriarem-se do sistema linguístico, que organiza o português brasileiro. (ANTUNES, 2010, p. 91)

Quanto ao processo de leitura e prática da mesma, na literatura destaca Marcuschi (2012) deve abranger a compreensão, interpretação e estratégias de leitura de textos literários, não literários verbais, verbo-visuais, multimodais, midiáticos, em várias esferas de circulação.

O objetivo da leitura é sempre o mesmo, formar um cidadão reflexivo, crítico, ativo, com consciência e autonomia, capaz de pensar e intervir no meio onde vive, transformando a realidade que o cerca. Pois, o professor deve ser um articulador, por entender que:

Essa formação dos alunos em indivíduos autônomos, críticos e reflexivos torna-se viável, a partir do momento em que o professor os envolva, em textos literários que sejam colaborativos, para a sua interlocução e formação pessoal. Desse modo, promover estratégias de leituras, que articulem o saber, para a promoção e junção de textos verbais, não verbais, midiáticos, verbo-visuais e multimodais são imprescindíveis para a construção de sujeitos escritores e leitores. (MARCUSHI, 2012, p. 63)

Portanto, estabelecer a relação dos alunos com os textos trazidos para a sala de aula, para Antunes (2010) é a forma mais adequada de favorecer o ensino da Língua Portuguesa e sua constituição enquanto disciplina significativa na construção da leitura e escrita. Basta ao educador mediar com assertividade o relacionamento dos alunos com os textos no cenário educacional.

Pereira e Patriota (2019) assinalam que na Base Nacional Comum Curricular destacam-se as variações linguísticas: variação de registro, variação regional e variação social. Sendo que a regional se estabelece conforme a região em que o indivíduo se encontra, ou seja, a maneira de se expressar determinada reação em cada região, tendo como exemplo a palavra “oxente”, no Nordeste, que quer dizer espanto, estranheza.

A variação linguística social segundo Santos e De Melo (2019) é a forma como se expressam em determinada ocasião, como seminários, palestras e ainda, a forma respeitosa que se aborda para dialogar com pessoas com alguma patente, idosos, pais, juízes etc., já no que concerne a variação de registro é a maneira de proporcionar a linguagem verbal, formal, produzindo textos que contemplem o uso correto da gramática sendo muito utilizada em discursos e produções científicas.

Menezes (2020) assinala que, da mesma maneira em que os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs, estão de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB, 9394/96 e em consonância com o Plano Nacional de Educação, PNE, inserem-se em suas nuances as diretrizes para a formação da BNCC, principalmente, como documento que corrobora nas temáticas acerca das variações linguísticas defendidas para planejamento das aulas em todas as etapas da educação ajudando aos educadores na formação dos educandos.

Desse modo, a prática pedagógica do professor de Língua Portuguesa deve ser estabelecida mediante a consulta à BNCC e revendo métodos que aproximem na edificação da leitura. Nesse ponto, a BNCC:

[...] para atender às necessidades de formação geral indispensáveis ao exercício da cidadania e responder à diversidade de expectativas dos jovens quanto à sua formação, torna-se imprescindível reinterpretar, à luz das diversas realidades do Brasil, as finalidades do Ensino estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Art. 35): I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; IV – a compreensão dos fundamentos científico- -tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (BRASIL, 2018, p. 464).

Deixa-se claro, que o trabalho em sala de aula para nortear os alunos a fim de que se tornem verdadeiros leitores, é necessário que as práticas de leitura orientadas pelo docente se baseiem na variedade linguística, de autores e de suportes. Essas práticas podem contribuir efetivamente para a autonomia do leitor, visto que o ajudam, diante da pluralidade de sentidos possíveis, a fazer escolhas e a obter conclusões, posições.

Tal fato existe a partir de critérios que se sustentam não apenas no plano linguístico, mas também no plano das correlações sensoriais e imagéticas. Assim, além de “mergulhar” na leitura, o aluno também saberá “nadar” na correnteza de sua compreensão, posicionando-se, enriquecendo e transformando o seu mundo sempre que necessário.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Como apresentado anteriormente esse artigo visa analisar as práticas pedagógicas no ensino fundamental II que auxiliem o trabalho do professor na abordagem das variações linguísticas. Para tanto utilizamos a pesquisa bibliográfica, pois de acordo com Gil (2008) uma pesquisa deve ser pontuada em análise de autores que atendem ao assunto elencado, possibilitando o entendimento de conceitos que ajudem na construção do conhecimento.

Segundo Gil:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda *per capita*; todavia, se tem à sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários. (GIL, 2008, p. 50)

Nesse ínterim, ao buscar levantar os resultados que possam defender os objetivos elencados nesse trabalho, que possibilitem no ensino da língua portuguesa a formar sujeitos, mediante o aprendizado da diversidade linguística em conjunto com o levantamento teórico de autores como Bakhtin (2007); Geraldi (2011); Marcushi (2012) e outros que corroboram na conceituação da temática.

Assim, a escolha de autores além do referencial teórico utilizado foi por meio do *Google Acadêmico*, através dos descritores variação linguística e prática pedagógica onde foram encontrados noventa e dois artigos, separados a partir do ano de 2017 a 2020, por compreender que são mais recentes e abordam o tema variações linguística e prática pedagógica compondo um apanhado de informações que dialogam com a significância da promoção da leitura dos estudantes a fim de proporcionarem sujeitos leitores reflexivos com criticidade e que por sua natureza na área da educação, principalmente no ensino da língua portuguesa se correlaciona com os objetivos propostos e vem de encontro com a promoção dos resultados que

assinalam um conjunto de informações para fundamentar o entendimento sobre a temática supracitada.

Com isso, a escolha dos seis artigos para análise e estudo foi feita por conta de conceber nos resumos de cada um os conceitos necessários para fundamentar esse trabalho e ainda por terem consonância de entendimento com teóricos renomados e estarem em conformidade com a BNCC.

O artigo de Azevedo e Damasceno (2017), intitulado “Desafios do BNCC em torno do ensino de língua portuguesa na educação básica”, aborda acerca da significância de se trabalhar com a BNCC, observando os objetivos dos códigos e implementando aos conteúdos ações que asseveram na formação da leitura e da escrita no processo de desenvolvimento dos educandos.

No artigo de Ferreira e Patriota (2019) sobre “A variação linguística na base nacional comum curricular: algumas reflexões”, revela uma dialógica realidade do aluno em relação ao ensino de língua portuguesa, destacando a necessidade de promoção do ensino da interpretação, da linguística e do desenvolvimento das habilidades destacadas na BNCC direcionadas ao ensino da literatura no ensino fundamental II.

Menezes (2020) destaca em seu artigo “Variação linguística e bncc: um olhar para o ensino médio”, como a variação linguística seja regional, seja social, influenciam na formação dos educandos e que através de um trabalho no espaço escolar sobre a variação linguística os alunos encontram a necessidade de aprimorarem seus textos observando de que formam escrevem e para quem escrevem.

Na variação linguística regional pode ser demonstrado a exemplo do texto “Prus mineiro”, que a linguagem empregada nessa exemplificação do modo como falam observa-se o carregado do “r” na forma retroflexa, a linguagem caracteristicamente mineira marcada pela dilatação dos vocálicos, pelo som nasal mais distinto e ainda, por conta da fala mais pausada, meio que arrastando as palavras, como por exemplo segundo Menezes (2020, p. 87): “Num vai pra Guarapari, Cabufri nem pra Portsiguru”.

Assim, como pode-se observar melhor na figura abaixo que referencia a variação linguística regional demonstrando o modo como a população mineira, principalmente os moradores da zona rural pronunciam algumas frases e expressões.

Figura 1: Texto Prus mineiro



Fonte: <https://br.ifunny.co/picture/prus-mineiro-1-num-fica-na-muntuera-digenti-2-se-cpfCnHVW7>

Já no artigo de Santos e De Melo (2019), “O ensino da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular”, tem-se a observação da significância da variação linguística na formação dos educandos e também da necessidade de estabelecer contato com explicações sobre as diversas variações linguísticas com o intuito de desenvolver consciência linguística nos alunos.

Silveira (2018) no artigo “Variação linguística e suas implicações para o ensino da língua portuguesa nos anos iniciais” já estabelece a significância da observação da variação linguística desde as séries iniciais, pois a base para a formação de sujeitos leitores e escritores se iniciam nessa fase do ensino fundamental.

Nesse período da educação os alunos estão iniciando o processo de alfabetização e necessitam de estímulos que auxiliem na sua formação. Cabendo aos professores fazerem essa ponte e estabelecer objetivos que auxiliem aos educandos no entendimento da variação linguística.

Barboza (2014) defende em seu artigo que a variação linguística é heterogênea dentro da sociolinguística, ou seja, a comunicabilidade entre as pessoas nos mais diversificados meios sociais e ou circunstâncias afiança a linguística e unindo a língua a comunidade em que ela é falada.

Dessa forma, o aprendizado da língua portuguesa nas escolas torna-se uma fantasiosa forma de aprendizado, pois os indivíduos já conhecem e expressam-se das mais variadas formas, usando a língua materna.

Logo, a temática que envolve esse trabalho foi escolhida por conta da verificação nas escolas de como os alunos ao adentrarem nos anos finais do ensino fundamental apresentam distorções na leitura e na escrita, principalmente, na falta de compreensão da variação linguística e do entendimento da proposta dos textos verbais e não verbais em dialogarem com os leitores e trazer à tona questionamentos, revisões de conceitos e fundamentação crítica. Os alunos não estão preparados para efetivarem a intertextualização e as propostas pedagógicas em sua grande totalidade não favorece essa construção nos educandos.

4. REFLEXÕES A PARTIR DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Mediante aos estudos elencados a partir dos autores que assinalam sobre a diversidade linguística brasileira e o ensino da língua portuguesa, percebe-se uma similaridade na premissa de se trabalhar com os alunos a formação da leitura e o desenvolvimento da escrita para que consolidem seu desenvolvimento enquanto sujeitos críticos e autônomos.

Verifica-se que no texto de Santos e De Melo (2019), entra em sintonia com Geraldi (2011) ao enaltecerem a BNCC como viés para um trabalho dignificante e motivador para o ensino da língua portuguesa, com ressalvas para o trabalho com a variação linguística e fundamentação de propostas pedagógicas que auxiliam na formação tanto coletiva como individual dos alunos mediante a leitura e escrita.

Quando Santos e De Melo defendem:

A sociolinguística é uma área de estudo que deve demonstrar, a covariação sistemática das variações linguísticas e sociais. Ou seja, relacionar as variações linguísticas que são observadas em uma comunidade com as diferenças existentes na estrutura social desta mesma sociedade. Sendo assim observamos que a sociolinguística estuda a diversidade linguística e relaciona a variação da língua com alguns fatores como em fatores onde o falante se identifica socialmente, que seria o estudo de falares de diferentes classes sociais e entre falas masculinas e femininas, ou na identidade do receptor, ou em contextos sociais onde estuda-se diferentes estilos como o formal e o informal ou até mesmo nas atitudes linguísticas em que os homens julgam seus próprios comportamentos linguísticos. (SANTOS; DE MELO, 2019, p. 15)

Nesse entendimento pode-se observar que ao contato com outras pessoas os indivíduos vão se identificando e formalizando sua forma de expressão. A variação linguística social entra em consonância com a comunidade em que ela se estabelece e fundamenta uma identidade da maneira de falar, de entrosar o conhecimento e favorecer a identidade desse lugar. Assim, quando um indivíduo entra em contato com pessoas que se expressam por vocábulos como gírias, estão sujeitos a tomarem para si esse conhecimento e passar o que sabem.

Ferreiro e Patriota (2019) e Menezes (2020) possuem entendimentos acerca da variação linguística e da sua importância para o ensino da língua portuguesa, no que tange o processo de construção tanto da oralidade, como da parte interpretativa e produção de escrita, pois ao conceber o entendimento da variação linguística diafásica e diastrática, entendem a divergência no processo de linguagem e podem apropriar-se desse conhecimento para aprimorarem sua construção da fala.

Essa apropriação da fala é significativa, quando se tem um público muito difuso, como em um ambiente escolar e estabelece intercâmbio de conhecimentos entre eles.

Para demonstrar a importância da variação linguística diafásica e diastrática Menezes esclarece que:

A variação diafásica é a variação que ocorre em situações de fala (situacional). A mesma pessoa muda à sua maneira de falar dependendo do ambiente (formal ou informal). A variação diastrática (ou social) se refere às diferenças entre os estratos socioculturais, ou seja, são as variações que acontecem de um grupo social para outro. Relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Assim, é possível apontar alguns fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo. (MENEZES, 2020, p. 144)

Essa ideia da variação linguística seja social, cultural, situacional ou por regionalismo vem de encontro com a proposta de trabalho de Marcushi (2012) ao defender, que através dos estudos e entendimento dos textos na sala de aula, os alunos se adequam aos estilos de linguagem e propõe em circunstâncias de falas e escrita o reconhecimento do preconceito linguístico, o certo e o errado nas normas gramaticais e a descoberta de sua subjetividade na promoção dos diálogos.

Desse modo, Azevedo e Damaceno (2017) em consonância com o entendimento de Gnerre (2009) asseveram que o ensino da linguística desde as séries iniciais possibilita na formação de reflexão e criticidade dos alunos.

Nesse sentido, por se estabelecer conhecimentos que possam engendrar saberes referentes ao mundo que o cercam através da intertextualidade e do diálogo constroem-se e descontroem-se para reformular sua formação pessoal, enquanto sujeitos leitores e construtores do seu próprio conhecimento. Destaca em seu estudo que:

A linguagem não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos. O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico. (GNERRE, 2009, p. 81)

O conhecimento gerado em um ambiente educacional gera empoderamento. Esse empoderamento é formalizado quando os alunos constroem conceitos referentes aos textos que lhes são apresentados na sala de aula. Com isso, a fala é importantíssima, defende Bakthin (2007) e Silveira (2018) entra em consonância com esse autor ao afirmar em seu trabalho que através da sua concretização, a fala, em formato de linguagem oral ou escrita, os falantes e ouvintes se remetem a linguística que está inserida no processo de ensino e aprendizagem da gramática, que se subtende, como conteúdo da língua portuguesa.

Dessa maneira, o domínio da língua na sua modalidade oral e escrita em situações de uso efetivo, bem como as reflexões e criações resultantes desse processo,

constituem as metas essenciais, para a construção dos saberes relativos à língua portuguesa.

Assim, na citação de Martinet pode observar que:

Linguagem, escrita e poder, apresenta as relações existentes entre o desenvolvimento da considerada língua culta e as estruturas sociais, por meio de abordagem histórico-crítica. E as relações de poder que determinam o código dominante geram, também, discriminação em relação aos falantes de variedade não padrão. Percebe-se que, enquanto instrumento de poder, a língua constitui ferramenta de difusão de crenças, desejos, costumes. Nesse sentido, a legitimação de uma língua também serve ao propósito de dominação cultural, econômica, religiosa e histórica. (MARTINET, 2014, p. 46)

Nesse ponto, tem-se a consonância de ideias dos estudos de Azevedo e Damaceno (2017) ao descrever que através da linguagem como recurso para se passar um conceito, mensagem e ou pensamento, os interlocutores se posicionam criticamente e constroem sua forma de expressão e dentro da sua trajetória histórica enquanto ser social.

Portanto, nos artigos de Azevedo e Damaceno (2017), Ferreira e Patriota (2019), Santos e De Melo (2019), Menezes (2019), Silveira (2018) e Barboza (2014), se destaca que a linguística pondera que toda a situação onde a língua se apresenta, ou seja, onde há um símbolo linguístico procede-se a conversação, tem-se entendimento do que se pretende passar de mensagem. Portanto, não há maneira certa ou errônea de se falar, o que se tem são o uso correto da gramática e da concordância verbal. Dessa maneira, os indivíduos ao se apropriarem da construção da sua fala, consolidam sua linguagem, sua forma de expressar-se.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se nesse trabalho a natureza sócio histórica da língua, caracterizando-a como fator de unidade e de identidade cultural, ao mesmo tempo em que pode ser instrumento poderoso para exploração, manipulação, enfim, de poder. Ela está baseada na detenção das especialidades da língua padrão por poucos, quadro esse que a escola deve alterar, democratizando o acesso à modalidade culta, sem desprestigiar as demais variantes linguísticas.

Também teve destaque o papel fundamental do leitor na construção dos sentidos de um texto, além do fato de o escritor precisar contar com essa participação em sua obra, porque ela, a partir do momento que é lida, torna-se coletiva.

Por conseguinte, a leitura, sendo também produção de sentidos, opera como condição básica com o próprio texto que se oferece a essa leitura, à interlocução. Nesse sentido, são as pistas oferecidas pelo texto que levam a acionar o que lhe é externo.

Essa atitude de reflexão sobre a linguagem inverte a prática corrente no ensino, tornando as atividades de leitura como ponto de partida para reflexões mais aprofundadas, partindo dos textos e interligando leitores a seus diálogos e reflexões.

Igualmente acredita-se que a análise linguística praticada em sala de aula não pode ser simples correção gramatical face a um modelo de variedade e de suas convenções. Tal análise deve permitir aos sujeitos retomarem suas intuições sobre a linguagem, aumentá-las, torná-las consciente e produzir, a partir delas, conhecimentos sobre a linguagem que o aluno e os outros usam em seu cotidiano.

Portanto, para que os alunos entrem em contato com as variações linguísticas, as produções dos trabalhos em sala de aula devem ser elencadas a partir do cotidiano dos alunos e a partir daí os professores montam estratégias de ensino que facilitem o acesso ao conhecimento.

Enfim, conclui-se que o docente e toda a estrutura escolar devem facilitar para que os alunos tenham acesso a uma gama diversificada de leitura e sejam capazes de se expressarem de diversas formas, sob linguagem variada, com autonomia em sua autoria, transformando-se, pois, em sujeitos ativos na construção de suas atividades linguísticas e culturais, compreendendo e interagindo com o mundo em que vivem também, a partir das palavras e das imagens que leem, de sua oralidade e das suas produções.

Deve-se entender que o trabalho não se encerra com essa pesquisa, mas abre caminho para futuros apontamentos e defende um intercâmbio com futuras produções.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de; DAMACENO, Taysa Mercia dos S. Souza. Desafios do BNCC em torno do ensino de língua portuguesa na educação básica. **Revista de estudos de cultura**, n. 7, 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/6557>. Acesso em: 25 març. de 2021.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 55. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARBOZA, Leticia da Silva. Variação linguística e o ensino de língua materna: uma análise de livros didáticos na educação de jovens e adultos-eja. **Ideação**, v. 16, n. 2, p. 142–160, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/7879>. Acesso em: 8 de nov. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 25 març. de 2021

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5388957/mod_resource/content/1/GERALDI%20Jo%C3%A3o%20Wanderley.%20et%20al.%20%28orgs.%29.%20O%20texto%20na%20sala%20de%20aula.%203.%20ed.%20S%C3%A3o%20Paulo%20%C3%81tica%201999.%20.pdf. Acesso em: 25 març. de 2021

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

IFUNNY. Prus mineiro. **Ifunny Brazil.** Disponível em: <https://br.ifunny.co/picture/prus-mineiro-1-num-fica-na-muntuera-digenti-2-se-cpfCnHVW7?s=cl>. Acesso em: 03 dez. de 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: O que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARTINET, André. **Elementos de linguística geral.** Rio de Janeiro: Clássica, 2014.

PEREIRA, Paulo Ricardo Ferreira; PATRIOTA, Luciene Maria. A variação linguística na base nacional comum curricular: algumas reflexões. *In*: MELERO, Anna Maria

Gouvea de Souza (Org). **Premissas da iniciação científica**: a variação linguística na base nacional comum curricular: algumas reflexões. V.1 Ponta Grossa: Atena Editora, V. 1, cap. 5, p. 35-47, 2019. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/02/Premissas-da-Inicia%C3%A7%C3%A3o-Cient%C3%ADfica.pdf>. Acesso em: 11 out. 2021

MENEZES, Bruna Lorryayne Dias. Variação linguística e bncc: um olhar para o ensino médio. **Revista Porto das Letras**, V. 06, Nº 3. p. 316-336, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9733/17600>. Acesso em: 11 out. 2021

SANTOS, Aymmé Silveira; DE MELO, Raniere Marques. O ensino da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 115-132, set-dez/2019. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1654>. Acesso em: 15 out. 2021

SILVEIRA. Rafael da. Variação linguística e suas implicações para o ensino da língua portuguesa nos anos iniciais. **Revista Práxis Pedagógica**. v. 1, n. 2, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Dell/Downloads/2510-11451-1-PB.pdf. Acesso em: 12 març. de 2021.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Rosangela Augusta Bezerra de Paula

A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO
ENSINO FUNDAMENTAL II

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de ARTIGO, apresentado à Coordenadoria do Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português, na modalidade EAD – do Instituto Federal do ES – IFES -Campus Vitória – ES, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Aprovado em 10 de dezembro 2021

COMISSÃO EXAMINADORA

Simone OliveiraThompson de Vasconcelos

Nome do orientador

Thiago Zanotti Pancieri

Nome do Membro da banca 1

Helton Andrade Canhamaque

Nome do Membro da banca 2

Observação: As assinaturas da Comissão Examinadora estão na ATA FINAL, anexada ao ARTIGO, abaixo desta Folha de Aprovação. No Curso de Letras EAD, partir de 2020.1 (Covid), o orientador assina por todos os membros da banca.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VITÓRIA

Avenida Vitória, 1729 – Bairro Jucutuquara – 29040-780 – Vitória – ES

LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS - EAD

ATA DE APRESENTAÇÃO E ARGUIÇÃO ORAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - FINAL

Aos dez dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e um, no horário de 20 horas, reuniu-se via web a **Banca Examinadora composta pelos professores:**

Orientador(a): Simone Oliveira Thompson de Vasconcelos

Professor convidado 1: Thiago Zanotti Pancieri

Professor convidado 2 : Helton Andrade Canhamaque

para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Letras/EAD intitulado “A diversidade linguística brasileira e as práticas pedagógicas no ensino fundamental”

de autoria do (s) aluno (s) : Adriana de Almeida Etiene da Silva e Rosângela Augusta Bezerra de Paula

O (a) presidente da banca examinadora, professor (a) orientador (a), após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares da apresentação do TCC, passou a palavra para o (a) estudante, para a apresentação de seu trabalho por 10 minutos, no máximo. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do estudante. Logo após, os examinadores se reuniram, sem a presença do estudante e do público (offline), para julgamento e expedição do resultado. Finalizada a análise da Banca Examinadora, o (s) aluno (s) foi considerado:

APROVADO SEM RESTRIÇÃO COM NOTA 90,0 (Noventa)

APROVADO COM RESTRIÇÃO*, COM NOTA _____

O resultado será comunicado publicamente ao estudante pelo Presidente da banca. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada e foi lavrada a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da banca avaliadora.

Professor (a) orientador (a) *Simone Oliveira Thompson de Vasconcelos*

Professor (a) Convidado (a) 1 *Thiago Zanotti Pancieri*

Professor (a) Convidado (a) 2: *Helton Andrade Canhamaque*

Vitória, ES, 10 de dezembro de 2021.

*** EM CASO DE APROVAÇÃO COM RESTRIÇÃO, ESPECIFICAR ABAIXO O QUE SERÁ PRECISO MELHORAR/REFAZER NO ARTIGO.**